



ENSAIO SOBRE O NASCIMENTO DO PRIMEIRO VIOLINO (*Essai sur la Naissance du Premier Violon*)

Tradução: SAULO DANTAS-BARRETO
Email: saulo@dantasbarreto.com.br

A história da origem do violino, apelidado de rei dos instrumentos, é cercada de uma profunda obscuridade. Daí tamanha diversidade de opiniões sobre o assunto.

A pesquisa metódica sobre a história da luteria levou à descoberta de fatos mais ou menos importantes sobre a primeira aparição dos instrumentos de arco, mas embora nosso conhecimento a esse respeito seja mais extenso do que no passado, o problema está longe de ser resolvido!

Certos pontos foram elucidados e nós tiramos conclusões mais ou menos plausíveis, mas muitas perguntas ainda precisam ser respondidas, aquela, por exemplo, que mais nos toca: a construção do primeiro violino.

Acreditamos que temos informações suficientes sobre este assunto para podermos estabelecer nossa pesquisa, libertando-a o máximo possível das incertezas e tradições lendárias.

As opiniões sobre a época pré-histórica foram tão multiplicadas quanto divergentes. O violino passou a figurar na história sagrada e nas gloriosas epopéias clássicas. Os tradutores da Bíblia, os historiadores, os pintores e os poetas tem contribuído muito para confundir a história devido ao seu desconhecimento.

Na história profana atribuímos a Orfeu e a Apolo a infância do violino e isso não é realidade senão na imaginação dos escultores e dos medalhistas.

Até agora acredita-se que os instrumentos de corda chegaram até nós do oriente onde, desde os tempos mais antigos, foi tocado um instrumento bastante primitivo chamado “Ravanastron”, instrumento cuja caixa de ressonância é composta por um cilindro de madeira, como um pequeno tambor alongado, recoberto por uma membrana servindo de tampo harmônico. Tem um longo braço no topo do qual encontram-se duas grandes cravelhas. De acordo com uma lenda hindú, foi inventado por Ravana, gigante de dez cabeças, rei do Ceilão, alguns milhares de anos antes da era cristã. O Ravanastron, passando para outros povos, tornou-se o “Crouth” ou o “Rebab” dos árabes, introduzido na Espanha pelos mouros no século VIII.

Um documento escrito por Venancio Fortunato, bispo de Poitiers, em 570 já nos fala da existência do Crouth, instrumento em forma de cítara grega, dotado de um braço com espelho. As cordas são presas de um lado num estandarte e do outro em cravelhas semelhantes às do violino. No século XI tinha três cordas e quatro séculos depois (XV) o instrumento tinha seis cordas, sendo quatro sobre o braço e as outras duas passando obliquamente ao lado. Estas eram tocadas como cordas soltas pelo polegar da mão esquerda que dedilhava as quatro cordas principais esfregadas pelo arco.

Podemos estabelecer que duas famílias bem distintas de instrumentos de corda existiram desde a antiguidade: a primeira tendo por ancestral a “Chélis”, gênero de lira com tampo harmônico absolutamente plano; a segunda família derivada da “Kethara” asiática, que tornou-se a cítara grega tendo o fundo e o tampo relativamente achatados e conectados por faixas colocadas perpendicularmente a esses tampos.

Essas duas dinastias vão viver e se perpetuar paralelamente, não apenas nos instrumentos de cordas pinçadas, mas também nos instrumentos de arcos.

Outro documento probatório do século X é uma gravura do manuscrito de Johanes Cotton, que se encontra no “British Museum”, representando um malabarista jogando bolas e facas para o alto ao som de um instrumento da família do violino. A forma desse instrumento representa um progresso em relação ao do manuscrito de St. Blaise, descoberto e publicado pelo abade Gerber. É montado com quatro cordas, mas nada faz supor que tinha cavalete. A similaridade do manuscrito de St. Blaise com aquele de J. Cotton é um testemunho certo da origem teutônica deste último. Outro fato mais conclusivo é o emprego da palavra “Fitheb” ou “Gigue” pelos anglo-saxões por quase dois séculos depois da conquista da Normandia. Foi nessa época que a palavra geige parece ter sido substituída pela designação do violino, que então aparece na forma de “Rebec”

aperfeiçoado e montado com três cordas. O “geige” desde sua introdução na França é utilizado por “jongleurs” e resta popular até o século XV.

Até agora só vimos o violino em estado semi-bárbaro. As modificações do “Rebec” nos levam para a viola. Por terem medidas muito grandes a “Viola da braccio” assim como a “Viola da spalla” não eram cômodas. A caixa de ressonância era muito longa e a sua tonalidade um pouco baixa correspondendo ao tom do contralto. Elas tinham pouca intensidade e pouco volume por causa da pouca convexidade do tampo harmônico e da forma plana do fundo.

Em suma, esses instrumentos eram grosseiros e só podiam ser usados na execução de acompanhamento improvisado com uma grande liberdade.

Mais tarde, a música começou a ser cultivada com ardor em círculos privados na Alemanha e na Holanda, circunstância que produziu um rápido desenvolvimento dos instrumentos de cordas. As vieles a arco foram então chamadas violes, das quais existe um dos mais antigos espécimes de Gérome Brensio no Museu de instrumentos de música de Bolonha.

O livro publicado por Silvestre Ganesi sobre a viola, em 1543, mostra alguns progressos feitos pelos italianos na construção desse instrumento desde o tempo de Brensio. Os “efes”, por exemplo, são mais bem cortados, a voluta é artisticamente desenhada e o espelho então compartimentado por cordões de tripa, indicando os intervalos das notas, torna-se completamente liso, prova autêntica e de grande valor de liberação desses entraves nos instrumentos dessa classe. Essa transição prenuncia a fusão do geige com a viola.

Passemos à forma dada à viola pelos primeiros mestres italianos no começo do século XVI, época em que se desenrola uma grande atividade, como testemunha o conhecido retrato do lutiê Gaspard Duiffoprucard ou Tieffenbrucker, feito por Woeiriot, onde ele é representado cercado por cinco instrumentos de arco. Nos notamos especialmente um gênero de viola com as faixas superiores e inferiores, o recorte no centro, os “efes” com desenho quase idêntico àqueles das violas, os quatro cantos e a forma alongada do corpo que em seu conjunto denotam já o violino.

O passo mais importante é a construção do geige comum ou do violino de três cordas sob a forma de viola e de contralto de viola que nos transmite, assim, ao violino moderno que, por sua tonalidade aguda, corresponde melhor à voz de mezzo-soprano, tão desejada pelos instrumentistas da época.

Quando e onde o violino de quatro cordas afinadas por quintas apareceu pela primeira vez na Itália, é o problema que permanece enterrado no passado e que tentaremos apurar através de documentos inéditos dos arquivos de Brescia e recentemente revelados.

O violino aparece com suas características essenciais de forma e de sonoridade aproximadamente na metade do século XVI. Basta lembrar aqui que a primeira menção ao

violino, que aparece numa passagem de Lanfranco, datada de 1533, se aplica na realidade à violas.

Em 1554 o marechal de Brissac levou para a corte da França o maestro milanês Pompeu Diobono que introduziu numerosos violinistas conduzidos por Balthazar de Beaujoyeux.

O lionês Philibert Jambe-de-fer nos fala sobre o violino e nos dá a descrição abaixo: o violino é o oposto da viola, ele só tem quatro cordas, as quais se afinam por quintas. Estas poucas linhas escritas em 1556 já nos dão uma visão geral.

Em 1559 Pierre Luppo, de Anvers, vendeu ao magistrado de Utrecht cinco violinos com estojos pela soma de 72 livres.

Não se deve levar em conta o lutiê bretão Kerlino, citado por Laborde e Fétis que no final do século XV teria construído instrumentos de cordas. Kerlino é o anagrama do nome Koliker¹, lutiê parisiense do século XIX, que gostava de copiar, com a ajuda de Claude Chevrier, violas, alaúdes e violinos que depois vendia por autênticos.

Todos os biógrafos e escritores especializados na arte da luteria são unânimes em reconhecer Gasparo da Salò como o criador do primeiro violino por volta de 1568. Nós contestamos formalmente esta paternidade baseando-nos em testemunhos precisos e peremptórios. O primeiro documento confirma com uma precisão impressionante a data do nascimento do violino. O ato analisado é uma carta do capítulo da Igreja de Brescia datado de 1552, acusando o recebimento, por parte do lutiê Pellegrino Micheli, dito Zanetto, de um violino de quatro cordas de sua fabricação.

Até agora não sabíamos nada ou quase nada sobre esse lutiê; graças à gentileza do Sr. Oreste Forsa² que muito gentilmente, em 1939, nos enviou algumas informações biográficas: Pellegrino Micheli nasceu em Montichiari em 1520 e foi morar em Brescia com apenas dez anos, onde seu pai abriu um ateliê de luteria na Rua Santo Antonio, hoje Rua Cairolì. Os primeiros instrumentos conhecidos foram inicialmente violas trazendo as datas de 1547, 1549 e 1550.

A peça de arquivo que acabamos de citar é um argumento que poderia bastar para provar que Pellegrino construiu o primeiro violino 48 anos³ antes de Gasparo da Salò, mas é interessante confirmar a autenticidade desse documento com outro testemunho, o de um violino com a etiqueta “Pellegrino Zanetto fecit Brescia anno 1552”. Este instrumento pertence atualmente ao professor Augusto Molini de Padua. Quatro outros violinos dele datados de 1544 a 1550 são ainda conhecidos.

É interessante notar que em 1552, data do primeiro violino, Gasparo da Salò mal completara doze anos e ainda não morava em Brescia.

¹ Acreditamos que tenha havido um equívoco e que o nome seja “Noliker”.

² O sobrenome foi grafado erradamente. O correto é Foffa.

³ Considerando que o ano do primeiro documento comprobatório da fabricação de um violino por Gasparo da Salò é 1588, como se verá mais adiante, e 1552 o do primeiro fabricado por Micheli, a diferença a favor deste é de 36 anos.

Nós apresentaremos para vocês agora Gasparo da Salò pelo seu nome verdadeiro Bertoletti⁴, nascido em Polpenazzi⁵, pequena aldeia no lago de Salò, em vinte de maio de 1542, e não em 1540, data ainda hoje considerada pelos biógrafos.

Nós acreditamos que ele foi morar em Brescia em 1563, mas sua presença só é confirmada dez anos mais tarde nos registros da Igreja de St. Agata por ocasião do nascimento de seu filho “François”. No ato de batismo Gasparo não aparece ainda como lutiê, mas como músico (maestro di violini) diz o texto ou maestro de viola ou violista. Noutros documentos trazidos pelo Sr. Muffi⁶, verificamos que o jovem Gasparo foi aluno, na música, de seu tio Agostino Bertolotti, Mestre de Capela da catedral de Salò.

Está provado que o pai de Gasparo não foi lutiê como sempre acreditou-se, mas sim pintor. Na sua chegada em Brescia, então, em 1563, nós o encontramos ao serviço do lutiê Girolamo Virchi, que três anos mais tarde serviu como padrinho a seu primeiro filho. Segundo os biógrafos do século passado, Gasparo da Salò construiu seu primeiro violino em 1568, cinco anos depois de sua entrada no aprendizado, o que é duvidoso ou precoce. Em todo caso nenhum documento até hoje confirma essa hipótese. O primeiro documento conhecido atestando oficialmente seu título de lutiê data de 1580. E é apenas oito anos mais tarde que ele fala dos seus primeiros violinos, no seu livro de contas conservado nos arquivos de Brescia.

As informações que acabamos de fornecer certamente lançam alguma luz sobre a vida desses dois lutiês, no entanto, não podemos concluir que a construção do violino clássico, na forma depois adotada, seja fruto de intuições pessoais. As leis físico-matemáticas são muito básicas para serem impostas a artesãos simples, sem qualquer cultura como eram Pellegrino e Bertolotti. Pode-se deduzir que houve intervenção através de conselhos de um físico especialista, cujas leis tão complexas deviam ser aplicadas como deveria a um instrumento tão aperfeiçoado como o violino.

O violino não pode ser atribuído a um ou a outro pelos seus contornos ou pela autenticidade da etiqueta, mas pelas bases de aplicação das leis acústicas bem estudadas e postas em prática assim como as encontramos nos instrumentos de Maggini, dos quais nós temos exemplares suficientes para nos documentarmos.

Nem Pellegrino nem Gasparo podem ser reconhecidos como sendo os inventores diretos, mas sim como os primeiros construtores do instrumento para o qual as leis e regras foram encontradas e aplicadas por outro.

A verdadeira pesquisa sobre a paternidade do violino deve ser conduzida pelo caminho científico, para o ilustre Nicolo Fontana, mais conhecido pelo nome de Tartaglia, célebre geômetra, físico e matemático do século XVI. Fontana nasceu em 1499 e morreu em Veneza em 1557. A época de sua presença em Brescia coincide perfeitamente com aquela

⁴ O correto é Bertolotti.

⁵ Polpenazzi del Garda.

⁶ Não encontramos nenhuma referência a este nome. Será “Foffa” novamente grafado equivocadamente?

de Pellegrino Montichiari. Escritos de outros lugares confirmam sua relação cordial em discussões sobre as leis acústicas da construção e da sonoridade dos instrumentos de corda. Não é impossível que Tartaglia tenha ensinado e demonstrado a Pellegrino as leis físicas e a forma de operar para obter de uma caixa de ressonância uma sonoridade mais poderosa, mais volumosa, mais vivaz e um timbre superior àquele das violas, tomando as mesmas bases das leis da reflexão da luz sobre os espelhos côncavos, iguais àquelas da reflexão do movimento vibratório.

Não vamos continuar nesse terreno de ciência física, porque levaríamos muito tempo para decifrá-lo. Vamos concluir esta palestra recapitulando os principais fatos que nós acabamos de expor em ordem cronológica. Nós dizemos: as primeiras pesquisas do físico Tartaglia foram efetuadas em 1549-1550. Os primeiros ensaios de construção em 1550-1552. Os primeiros violinos de Pellegrino apareceram em 1552. Os primeiros violinos vendidos para o exterior em 1559. Os ensaios de aperfeiçoamento em 1575. Os primeiros violinos em forma definitiva em 1585 por Gasparo da Salò e por seu aluno Maggini em 1610.

A continuação da evolução construtiva do violino será assunto de uma próxima palestra. Precisamos saber como nos limitar. É, portanto, suficiente para nós hoje ter resumido esta parte pouco conhecida ou mesmo desconhecida até hoje e, com a possibilidade de nossos modestos meios de conferencista, ter interessado a nosso público.

René Vannes

Bruxelas, agosto de 1942.